

humanitas

Vol. XLVII - Vol. II

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVII • TOMO II
MCMXCV

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA
DA DOUTORA MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA



AMADEU TORRES
*Universidade Católica Portuguesa
e Universidade do Minho*

A «PACIECIDOS LIBRI XII» E A SUA VERSÃO FRANCESA DE 1887

0. Em *Poemas narrativos portugueses* Cabral do Nascimento enumerava¹, em 1949, ainda que lacunarmente, cerca de 170 composições do género vindas a lume desde o século XVI ao XIX, além de umas 90 até então sem experimentarem os prelos. Redigidas em português, castelhano ou latim, ascendiam a 22, segundo ele, as estruturadas na língua de Virgílio, entre publicadas e inéditas, sem contar as traduções latinas de *Os Lusíadas* de Frei André Baião, Frei Tomé de Faria e Frei Francisco de Santo Agostinho Macedo, ausentes do elenco.

São naturalmente de aplaudir as abordagens singulares levadas a cabo, confinada ou desenvolvidamente, por peritos interessados nos nossos vates das «litterae humaniores», como Américo da Costa Ramalho, Maria Helena da Rocha Pereira, José Galdes Freire, José V. de Pina Martins, Raul M. Rosado Fernandes, Sebastião Tavares de Pinho, Nair Castro Soares, Carlos Ascenso André², entre outros, inclusivamente devo-

¹ Cfr. Cabral do Nascimento, *Poemas narrativos portugueses*, comentários, enumeração e excertos, Lisboa, Mínera, 1949, pp. 121-136.

² Cfr. Américo da Costa Ramalho, *Para a história do Humanismo em Portugal*, I, Univ. de Coimbra, Centro de Est. Clás. e Humanísticos /INIC, 1988; *id.*, II vol., Fundação C. Gulbenkian/INICT, 1994; *id.*, *Latim renascentista em Portugal*, 2.^a ed., *ibid.*, 1994; *Belchior Beleago, Oração sobre todas as disciplinas*, trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, Univ. do Porto, Centro de Estudos Humanísticos, 1959; José Galdes Freire, *Obra poética de Diogo Mendes de Vasconcelos, humanista latino do séc. XVI*, Univ. de Coimbra, Faculdade de Letras, 1964; José V. de Pina Martins, *L. Andreae Resendii Vicentius Levita et Martyr* (Lisboa, 1545), ed. fac.-simil.

tados lusófilos como Claude-Henri Frêches e C. Balavoine³. A produção linguística, porém, quer em verso quer em prosa, aguarda há muito um estudo global cuja realização só será possível depois de multiplicadas pesquisas sectoriais. Estas vão felizmente surgindo, afastando-nos cada vez mais da situação a que aludia Raul Machado quando lamentava não se poder tratar a história do humanismo «porque ainda se não estudaram os autores novilatinos portugueses, — nem as suas ideias, nem as suas composições, nem o fundo, nem a forma»⁴.

Hoje, de facto, a situação mudou em relação a bastantes que já atraíram as atenções das luzes da ribalta, o que paradoxalmente fez abandonar tantos para lá dos bastidores de um próximo acesso. É o caso da *Paciecida* de Bartolomeu Pereira.

1. Monçanense de origem, nascido na própria vila em 1588, ingressou na Companhia de Jesus, em Coimbra (1603), onde viria a falecer em 1650, depois de ensinar Retórica no Colégio das Artes, aureolado da fama de grande latinista e orador sagrado de estilo brilhante, mesmo na língua do Lácio⁵. Quem recentemente salientou, em mais de duas dúzias de citações, os dotes do púlpito do P.^o Bartolomeu Pereira foi João Francisco

com introdução de..., Braga, Barbosa e Xavier, 1981; *id.*, *Humanismo e erasmismo na cultura portuguesa do século XVI*, Paris, Fundação C. Gulbenkian/Centro Cult. Português, 1973.

R. M. Rosado Fernandes e J. Mendes do Carmo, *O Pródigo* (2 vols.), tragicomédia latina do P.^o Luís da Cruz S. J., Univ. de Lisboa, Centro de Estudos Clás. /INIC, 1989; Sebastião Tavares de Pinho, *Lopo Serrão e o seu poema «Da Velhice»*, estudo introd., texto latino e aparato crítico, trad. e notas, Univ. de Coimbra, Centro de Est. Clás. e Hum./INIC, 1987; Nair de Nazaré Castro Soares, *Tragédia do Príncipe João de Diogo de Teive*, introd., texto, trad. e notas, Univ. de Coimbra, Centro de Est. Clás. e Humanísticos, 1977; Carlos Ascenso André, *Mal de augência — O canto do exílio na lírica do humanismo português*, Coimbra, Minerva, 1992.

³ Cfr. Claude-Henri Frêches, *Le théâtre néo-latin au Portugal (1550-1745)*, Paris/Lisbonne, Librairie Nizet/Bertrand, 1964; C. Balavoine, *Les églogues d'Henrique Caiado ou l'humanisme portugais à la conquête de la poésie néo-latine*, Lisboa/Paris, Fundação C. Gulbenkian, 1983.

⁴ Cfr. Raul Machado, *Ensaio sobre o poeta novilatino Diogo de Paiva de Andrade*, Lisboa, Académica D. Felipa, s/d., p. 5.

⁵ Cfr. Amadeu Torres, *O poema «Paciecidos Libri XII» e a evangelização do Japão*, sep. de *Actas do Congresso Internacional de História — Missionação Portuguesa e Encontro de Culturas* (4 vols.), II, Univ. Católica Portuguesa, Lisboa/Braga, 1993, pp. 335-342; *id.*, *A arquidiocese de Braga e a expansão da Fé: nos 350 anos da «Paciecidos Libri XII»*, sep. de *Homenagem à Arquidiocese Primaz nos 900 anos da Dedicção da Catedral*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1993, pp. 243-252 (reprod. do texto, salvo a primeira parte).

Marques, da Universidade do Porto, na sua dissertação doutoral⁶. Aqui, contudo, pretendo recordá-lo tão-somente como poeta cantor da gesta do primo ponte-limense Beato Francisco Pacheco, sacerdote também jesuíta, missionário e mártir da Fé em terras do Sol-Nascente, no poema que por essa razão é igualmente conhecido pelo nome de *Japoneida*.

Tendo visto a luz do dia na ridente vila do Lima em 1565, Francisco Pacheco, após estudos no Colégio lisboeta de Santo Antão, entrou na Companhia aos 20 anos. Em 1592 parte para Goa, onde estuda teologia e recebe a ordenação presbiteral. Após quatro anos no Japão desde 1604, desce a Macau para reitorar o Colégio local de 1608 a 1611, retornando às ilhas nipónicas por cujo bispo D. Luís Cerqueira é nomeado vigário-geral. Voltando a Macau em 1614, escapado à perseguição, regressa àquelas terras no ano seguinte sob o disfarce de comerciante. Já provincial, cabe-lhe também o encargo de administrador da diocese japonesa (Funai) por impedimento do sucessor de D. Luís Cerqueira em tomar posse efectiva em tais circunstâncias. Seguem-se onze anos de perigos e catacumbas, coroados pelo martírio, juntamente com oito confrades, em 1626. Foi beatificado em 1867 por Pio IX, num conjunto de mais 204 mártires.

2. A *Paciécida*⁷ saiu em Coimbra no ano de 1640 e conta até hoje com duas edições além da *princeps*: a de Génova, em 1750, que não passa de uma reprodução da original, salvo pequenas diferenças já apontadas noutra lugar⁸; e a de A. Guichon de Grandpont, de 1887, cujo texto latino faceia a versão francesa⁹, a única existente em língua moderna, porque entre nós, afora algum artigo de jornal e alusão ao título sucinto

⁶ Cfr. João Francisco Marques, *A parenética portuguesa e a Restauração (1640-1668)*, 2 vols., INIC/Centro de História da Univ. do Porto, 1989, *passim*.

⁷ Cfr. *Paciecidos libri duodecim*. Decantatur clarissimus P. Franciscus Paciecus, Lusitanus, Pötilimensis, e Societate Iesu, Iapponiae Prouincialis, eiusdē Ecclesiae Gubernator, ibique uiuus pro Christi fide lento igne concrematus Anno 1626. [...] Authore P. Bartholomeo Pereira Societatis Iesu, Lusitano, Monsonensi olim in Conimbricensi Academia Primario Rhetorices Professore, Conimbricae, Superiorū permissu. Expensis Emmanuelis de Carvalho Universitatis Typographi Anno 1640 [BGUC, R-3-26].

⁸ Desta 2.^a ed. vd. local e data: «Genuae MDCCL. Ex Typographia Corsanega. Superiorum permissu»; Amadeu Torres, *o.c.*, na nt. 5, p. 247, nt. 9.

⁹ Cfr. *La Paciécide*. Épopée en douze livres en l'honneur du très illustre Père François Pacheco, portugais de Ponte de Lima, [...] par P. Barthélemy Pereira, S. J. [...] traduction par A. Guichon de Grandpont, Commissaire général de la Marine. Paris, Ernest Leroux, Guillard, Aillaud et C.^{ie}, Brest, J. B. et A. Lefournier, 1887 [Sorbonne, LL', p. 281].

do Poema, não consta que a alguém ele haja provocado moosa e interesse especial. Infelizmente dispensam quase sempre maior atenção aos nossos valores culturais os estrangeiros do que os compatriícios, como não há muito sublinhei¹⁰ com mágoa, o que é pecha velha duma idiossincrasia quem sabe se possuída do complexo de Bruto.

Assim aconteceu ao *Paciécidos* por intermédio do conhecido escritor e lusófilo francês Jean Ferdinand Denis (Paris, 1798-1890), que havendo encontrado um exemplar da edição de Génova o recomendou a Guichon de Grandpont, segundo este mesmo nos informa no «Préface du traducteur»¹¹, convidando-o insistentemente a empreender a sua versão na língua de Corneille. Ferdinand Denis sabia a quem inculcava a singular tarefa, porquanto no dito prefácio lê-se que «j'ai été charmé de la limpidi-té et de la pureté de la versification du *Paciécidos*, telles que je n'éprouvais aucune difficulté sérieuse dans cette agréable version d'environ 6.400 hexamètres»; isto, não obstante «quelques négligences comme la répétition d'un même mot à peu de distance, des pléonasmes, des équivoques même et un certain sans-gêne dans l'emploi des chevilles».

2.1. Em esclarecimento confirmatório da opinião acima transcrita a respeito da facilidade ou pouca dificuldade na manipulação textual, e com o apoio da classificação quadripartida das traduções há anos proposta¹², chamam-se seguidamente à colação vários excertos como amostragem dos gradientes de apropriação e justeza alcançados e consequente caracterização do trabalho versional.

A1 – *Paciecidos Liber Primus*: Proposição

- «Limiadem invictum flammis, lateque per undas
 Regnantem Oceani, et palmam super astra ferentem
 Non vatum vox ulla sequi, non spiritus audet
 Mortalis; Musaeque sacro de vertice lauros
 5 Deripiunt, odere artem, Phoebumque minorem
 Huic operi, Delphosque inopes in plectra fatentur.
 Ipsa sibi officiunt ingentia facta: Pacecus
 Ipse animos, vatumque ausus, et carmina fraenat.
 Sed mihi tantarum metuenti exordia rerum,

¹⁰ Cfr. Amadeu Torres, *o.c.* na nt. 5, p. 247.

¹¹ Cfr. *La Paciécide*, cit. na nt. 9, pp. 5-6.

¹² Cfr. Amadeu Torres, *André Baião, tradutor latino de «Os Lusíadas»: da diáfrase à hipocléptica semântica*, sep. de *Actas do IV Congresso Internacional de Camonistas*, Ponte Delgada, Univ. dos Açores, 1984, p. 669.

- 10 Ut famae, utque omnem desueto in pulvere credam
 Jacturam calami facilem, rapit alta morantem
 Causa animum, refugamque manum: nos sanguinis idem
 Signat avus: jubet ille decus memorare suorum,
 Magnum opus inmodico quamvis temerarius ausu
 15 Attenuem, atque oneri fessus succumbat Apollo».

A2 – Versão

«O Martyr indompté par les flammes, et dont la cendre règne au loin sur les flots de l'Océan, honneur de Pontelima ta patrie, nulle voix poétique, nul esprit mortel n'ose te suivre dans ta course glorieuse; les Muses arrachent les lauriers du sommet sacré; elles détestent leur art, avouant l'impuissance d'Appollon, l'indigence de sa lyre pour une telle œuvre. L'éclat seul des faits leur est un obstacle. Pacheco, lui-même, retient la pensée et l'audace des poètes à lui consacrer des vers. Mais si je redoute d'aborder ses grandes actions, et d'y perdre aisément style et réputation dans une lice inaccoutumée; l'élévation du sujet domine ma retenue et force la résistance de ma main. Un même ancêtre nous a transmis son sang; c'est lui qui m'ordonne de célébrer la mémoire des siens; dussé-je, en téméraire, amoindrir la grandeur de l'œuvre par une audace excessive; dût Appollon fatigué succomber à la tâche»¹³.

Entre os pequenos senões registados por A. Guichont de Grandpont, talvez o reparo, nestes quinze hexâmetros de Bartolomeu Pereira, seja o da repetição de um ou outro vocábulo sem grande distanciamento: «audet» (1.3), «ausus» (1.8), «ausu» (1.14), «vatum» (1s.3 e 8), «animos» (1.8), «animum» (1.12). O caso, contudo, torna-se irrelevante em face de exemplos da *Eneida*: no livro I, «amore» (ls. 348 e 353), «amorum» (1.354), «amantem» (1.356); no livro II, «muros» (1s.234 e 237), «urbis» (1.234), «urbi» (l. 240), «armis» (1.238), «arma» (1.243); no livro IV, «terras» (1.269), «terris» (1.271), «terras» (1.280), «rerumque» (1.267), «rerum» (1.272), «regni» (1.267), «regnator» (1.269), «regnum» (1.275); no livro V, «fugit» (1.740), «fugis» (1.742), «maris» (1.799), «marisque» (1.802), «curru» (1.817), «curru» (1.819), «aequora» (1.819), «aequor» (1.821).

Quanto à versão, a fidelidade respeita-se quer mediante a transposição bastante ao pé da letra, quer por recurso apenas ao sentido e a informação extrínseca, como sucede nos dois hexâmetros do início. Assim, «Limiadem» e «et palmam super astra ferentem», acusativos, são vocativados em 'O Martyr... honneur de Pontelima, ta patrie'; «lateque per

¹³ Cfr. *La Paciécide*, cit. na nt. 9, pp. 22-23.

Na transcrição mantém-se a ortografia e pontuação do tradutor.

undas/Regnantem Oceani» sofreu a intromissão das ‘cinzas dispersas’, por ciência anterior; «late» por ‘au loin’, igualmente, dado que espalhadas no mar de Nagasáqui, mau grado «late» significar ‘em largo espaço’, ‘em grande extensão’: com efeito, se Bartolomeu Pereira tivesse em mira ‘ao longe’, escreveria «longe», dissílabo tão espondeico como «late». No verso 6, dominou-se, com felicidade, a antonomásia vossiânica, no 8.º a hendíades e no 10.º a metonímia em «desueto in pulvere»; nos três seguintes a introdução do período hipotético não prejudica nem a sintaxe nem a semântica consecutivas, o mesmo acontecendo à concessão presente nos dois últimos, onde unicamente os tempos verbais saltaram do presente para o imperfeito. Em «decus memorare» (verso 13) houve uma contaminação sémica curiosa: «célébrer la mémoire» por ‘evocar as acções ilustres’, ‘recordar a glória’.

B1 – *Pacificados Liber II*: Concílio celeste

- «Interea magnam vitrei super aurea regni
Sidera concilium superûm regnator habebat:
Aligerumque acies sublimes ab sede futuros
Eventus rerumque vices, et fata docebat,
5 Quae nec fas homini, non ulli agnoscere divum
Ante licet: tanta Deus haec caligine mersit.
Hic aderant quibus terra subest, quibus aetheris alti
Tecta regunt, pelagique undas, qui corpora fraenant
Ignea, et astriferos contorquent viribus axes:
10 Hic roseo qui sole dies, qui sidere noctes
Ire jubent, justosque dant mensibus annos:
Hic quibus humanae servandae est gloria gentis,
Europaeque Asiaeque manus, quibus Afra tuentur
Regna, ducesque tui, felix America: pulchro
15 Ore pares, aevo similes, sertisque decori
Adstabant roseis, et versicoloribus alis».

B2 – Versão

«Dieu cependant qui règne au-dessus de la splendeur des astres, tenait, en Roi souverain, l’assemblée des Esprits de lumière. Du haut de son trône sublime, il apprenait aux Anges les événements futurs, leurs causes et les destinées du monde, qu’il ne leur est pas plus permis qu’aux hommes de connaître avant cette révélation; tant est profonde l’obscurité dont il les couvre. À ce conseil assistaient ceux auxquels la terre est soumise, qui régissent les plaines de l’air, ou les ondes des mers, ou les ardeurs du feu; ceux qui président aux révolutions des astres; tel qui ordonne au soleil empourpré de nous apporter le jour, tel autre qui prescrit à la lune de nous éclairer la nuit;

celui qui a la gloire de conserver la race humaine, les populations d'Europe et d'Asie, les royaumes d'Afrique, et tes chefs divers, Amérique fortunée; tous égaux en beauté, de même âge, brillamment couronnés et pourvus d'ailes merveilleuses»¹⁴.

Há no texto latino três palavras repetidas, com variantes desinenciais, mas tão distanciadas que o facto carece de qualquer importância: «sidera» (ls. 2 e 10), «regni» (ls. 1 e 14), «roseo» (ls. 10 e 16). Diferentemente, a apocíptica copulativa afirma-se em dez presenças, numa equivalência a 66%. Raul Machado, que estudou a poética de Diogo de Paiva de Andrade, apontava-lhe na *Chauleida* o uso excessivo das conjunções *et* e *-que*, «o que naturalmente contribui para a monotonia do ritmo, em alguns passos»¹⁵. Pessoalmente verifiquei-o num ou noutra excerto do Canto VIII, ao arguir uma tese de Mestrado¹⁶: em 24 hexâmetros 12 repetições de *-que*, em 23 umas 10, esporadicamente. Ora a gravidade deste giro frásico dilui-se perante o comportamento dos mestres: no livro VI da *Eneida*, dos versos 235 a 251, a percentagem de 16 para 9 indulta o P.^e Bartolomeu Pereira; e a de 24 para 12, desde os versos 235 a 259, faz o mesmo a Diogo de Paiva de Andrade. Mas não por benevolência, porquanto Vergílio, logo nos versos 275-296 sobe a 16 para 12 e nos 275-299 a 24 para 13.

O tradutor mantém neste excerto as qualidades evidenciadas atrás: o arranjo semântico dos dois primeiros hexâmetros trocou, porém, o modificador 'de lumière' desligando-o de «regni» e atribuindo-o a «superum»; «regnator» é 'Dieu... en Roi souverain'. A anáfora múltipla nos seis hexâmetros centrais respeitou-se no essencial, mas o verso 11.^o foi omitido, por lapso, quase todo; «sidere» (v. 10.^o) verteu-se por 'lua', quando a sínédoque refere 'astros'; «roseis et versicoloribus»! (v. 16.^o) deu 'maravilhosas' por de 'cambiantes de púrpura', epítetos de 'ailes'.

C1 – *Paciecidos Liber XI*: a Igreja do Japão em súplica.

«Interea flavos effundens vertice crines
Lugubresque induta habitus, et fronde cupressi
Tecta caput gravidosque oculos, Japponia sacras
Ante aras Numenque Dei prostrata jacebat.

5 Atque gravi feriens caeli pia sidera luctu,

¹⁴ Cfr. *La Paciécide*, cit. na nt. 9, pp. 56-57.

¹⁵ Cfr. Raul Machado, *o.c.* na nt. 4, p. 46.

¹⁶ Cfr. António Manuel Lopes Andrade, *A «Chauleida» de Diogo de Paiva de Andrade (Canto VIII)*, introd., tradução e comentário, Univ. de Coimbra, Faculdade de Letras, 1994 [texto mimeografado], pp. 74-76.

- Noctem inter tenebrasque gemens, cum supplice questu
 Talia de rauco suspiria corde trahebat:
 Heu caelum crudele mihi! proh saxea semper
 Sidera! Divorumque meis mens aenea votis!
- 10 Non, Superi, non vestra ferit praecordia noster
 Aspectus lacrimaeque illae? sic vocibus aures
 Clauditis? aequoreis fundo verba irrita ventis.
 Tu saltem, tu Virgo parens, spes unica gentis
 Affictae, si, Diva, tuis libavimus aris,
- 15 Hos questus, hanc vocem audi, Regina; benignam
 Fer dextram, laetosque oculos adverte jacenti,
 Tuque etiam collo affixum gremioque puellum,
 Japponum oblitum, nec jam merminisse volentem,
 Flecte tuum, nostrisque jube del lumina rebus».

C2 – Versão

«L'Église du Japon, cependant, sous la figure d'une vierge aux blondes cheveux épars et couverte de vêtements funèbres, la tête ceinte d'une branche de cyprès ombrageant ses tristes yeux, se tenait prosternée devant les saints autels, en présence de la magesté divine. Espérant toucher la clémence du Ciel par l'aspect de son affliction, elle gémissait dans les ténèbres de la nuit et sourdement exhalait de son cœur ces supplications et ces soupirs: 'Ah! Cieux impitoyables! Astres insensibles à mes peines! Divin Esprit que n'ont pu fléchir mes vœux: la vue de mes larmes n'émeut-elle pas vos entrailles? Vos oreilles, Seigneur, se ferment-elles à ma voix don les vaines paroles sont emportées par le vent? Vous du moins, Vierge mère, unique espoir de cette nation en deuil, Reine des Cieux, écoutez ces plaintes que nous avons répandus à vos autels, soyez-vous propice; jetez sur notre misère un regard favorable. Fléchissez le divin Enfant porté dans vos bras, et qui semble oublier les Japonais, vouloir les effacer de son souvenir; disposez-le à considérer notre situation'»¹⁷.

Neste terceiro excerto, Bartolomeu Pereira repetiu mais palavras do que no primeiro; todavia, a maior parte ficou suficientemente espaçada, e que não ficasse há igual no Mantuano: «aras» (1.4), «aris» (1.14), «feriens» (1.5), «ferit» (1.10), «oculos» (1s. 3 e 16), «caeli» (1.5), «caelum» (1.8), «sidera» (1s. 5 e 9), «jacebat» (1.4), «jacenti» (1.16), «vocibus» (1.11), «vocem» (1.15). A estrutura paratáctica, com exceção no hexâmetro 14.^o, resulta da tonalidade fortemente emotiva quer do fragmento des-

¹⁷ Cfr. *La Paciécide*, cit. na nt. 9, pp. 364-365.

critivo introdutório, quer do restante de teor apostrofico. Daí a abundância das copulativas, entre as quais a apoclítica com dez presenças. Quem se impressionar com certas rimas, aliás já presentes nos versos 2.º e 4.º do texto B1, saiba que não lhe assiste razão para tal, sob abonação virgiliana, na *Eneida*, por exemplo: «orator» (X, 804), «viator» (X, 805), «factis» (X, 468), «altis» (X, 469), «arvis» (X, 473), «partim» (XI, 204 e 205), «malorum» (XI, 361), «tuorum» (XI, 365), «altis» (XI, 462), «maniplis» (XI, 463), «armis» (XI, 464), «campis» (XI, 465), «habebat» (IX, 594), «ferebat» (IX, 597).

A tradução, num intuito elucidativo, transpôs «Japponia» para 'L'Église du Japon... sous la figure d'une vierge'; a sintagmatização de algumas copulativas não trai o sentido, como também sucedeu no avanço de «Superi» para o final do hexâmetro seguinte; descurou-se «aequoreis», o que daria «ventos marinhos» (v. 12.º); introduziram-se quatro construções hipotáticas, todas relativas, umas delas substituindo a condicionante no modo real; o equivalente a «coeli pia sidera» (v. 5) não se extraiu do texto, mas antes do contexto.

2.2. O primeiro juízo de valor acerca da *Paciecidos Libri XII* deve-se aos mestres de retórica André Madeira, Pedro Peixoto e António Leite, confrades de Bartolomeu Pereira, e bem assim aos censores da Inquisição Frei Filipe Moreira e Frei António das Chagas¹⁸. Louvam-se aí o argumento ou assunto da obra, «grave, idóneo, ilustre, piedoso»; a disposição e ordem, o estilo fácil e castigado, a veia inspirada, o entrelaçamento da história com a ficção, o engenho e erudição notórios.

São 6 379 hexâmetros, inclusive 10 incompletos, divididos por 12 livros onde o cunho artístico se alia ao realismo descritivo, à fluência narrativa e a um singular poder de evocação que fez o tradutor assinalar diversas passagens como modelos de composição épica «à mettre sur les yeux de la studieuse jeunesse». Ainda na «Note Finale» escreve: «des nombreux poèmes latins modernes que j'ai lus ou parcourus, le *Paciecidos* est celui qui m'a paru le mieux inspiré, non seulement par la Religion, mais par le sentiment patriotique»¹⁹. De facto, Descobrimentos e missionação caminharam juntos, por mais que custe a cérebros esquentados de preconceitos admiti-lo.

¹⁸ Na edição príncipe (Coimbra, 1640) estes pareceres lêem-se nas pp. 5-10; na de Génova (1750), em 3-8, porque foi omitida a gravura do P.º Francisco Pacheco; na edição francesa removeram-se para o final, nas 433-436.

¹⁹ Cfr. *La Paciécide*, cit. na nt. 9, pp. 437-438.

Ferdinand Denis, que, arredado dessas cartilhas, por cá andou e se apaixonou pela nossa história e pelos nossos homens de letras, merece bem a gratidão de quantos acreditam nos altos valores de um povo e se regozijam com o seu reconhecimento entre outros povos. De similar atitude se tornou credor A. Guichon de Grandpont cujo trabalho esmerado, longe da segura e baculinidade da metáfrase, encostada ao *de verbo ad verbum*, ou da liberdade da paráfrase abusivamente inventiva em aumentos ou reduções, ora se processa dentro do rigor sereno da diáfrase, submisso ao *de sensu ad sensum*, ora simpatiza com a catáfrase²⁰ sempre que vê necessidade de acréscimos mínimos ou variantes diminutas explicativas, comportáveis pelos campos semânticos do texto sob interferência, por vezes, contextual ou até intertextual.

Tudo isto originou uma versão sem falha grave, aprazível e escorreita, cujos ingredientes foram o bom senso e o gosto artístico, a desmentirem esta preocupação no aludido prefácio: «ma prosaïque traduction [do Poema] ne le rend, certes, qu'imparfaitement». Não é verdade. Bartolomeu Pereira e Guichon de Grandpont são dignos um do outro e ambos concorreram, a seu modo e com empenho, para a exaltação da epopeia missionária de Portugal, de que este belo canto heróico, meio esquecido, é sem dúvida eloquente testemunho.

²⁰ Cfr. Amadeu Torres, *o.c.* na nt. 12.

Quanto à vasta bibliografia concernente, podem consultar-se: R. Beaugrand, *Factors in a theory of poetic translating*, Paris, Payot, 1979; K. H. Delille *et alii*, *Problemas da tradução literária*, Coimbra, Almedina, 1986; D. Seleskowitz e M. Lederer, *Interpréter pour traduire*, Paris, Didier Érudition, 1986; Hans J. Vermeer, *Esboço de uma teoria da tradução*, Porto, Edições Asa, 1986; Brigitte Gacha, *La traduction dans le monde: la stabilité d'un trio insolite*, Paris, Unesco, 1987; P. Newmark, *Approaches to translation*, Londres, Prentice Hall International, 1988.